

Um olhar sobre o turismo em Salvador/Bahia: atrativos, sociabilidades e distribuição espacial dos meios de hospedagem - 1889/1930

Luis Cláudio Requião da Silva (requiao6@ig.com.br)
Olívia Biasin Dias (oliviabiasin@oi.com.br)***

Resumo

O presente artigo tem a finalidade de contribuir para os estudos das novas sociabilidades na cidade de Salvador-BA, através de uma análise dos aspectos inerentes aos serviços ligados à hospitalidade, além de analisar a distribuição espacial dos principais meios de hospedagem, no período de 1889 a 1930 que é conhecido como Primeira República. Inicialmente, pretendeu-se assinalar quais eram os elementos divulgados enquanto atrativos turísticos da cidade, observando como estes se encontravam vinculados aos ideais civilizadores da época. Em seguida, buscou-se um maior entendimento da dinâmica urbana de Salvador, através de uma sucinta análise da produção e organização espacial dos seus principais hotéis. Posteriormente, foram examinados os serviços oferecidos pelos estabelecimentos hoteleiros e a criação de novas sociabilidades, para daí obter-se uma noção da intensidade da atmosfera cosmopolita no cotidiano da capital baiana.

Palavras-chave: Salvador, turismo, sociabilidades e meios de hospedagem.

Abstract

The present article intends to contribute to the studies concerned to new sociabilities in the city of Salvador-BA, through the analysis of aspects related to hospitality services. It also intends to analyze the spacial distribution of the main accommodation in the period between 1889 and 1930. Initially, the elements which were advertized as tourist attractions are analyzed with regard to the civilizing efforts of the time. Thereafter, we sought a greater understanding of the urban dynamics through a succinct analysis of the spacial organization and effects of the accommodation network. Finally, the services offered by the accommodation agencies were examined to attain a fuller notion of the intensity of the cosmopolitan atmosphere and urban dynamics of the Bahian capital.

Key-words: Salvador, tourism, sociability and accommodation.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



O turismo em Salvador nos idos da Primeira República

As pesquisas relacionadas ao turismo têm se pautado por uma ampla variedade de abordagens disciplinares, como a sociologia, a antropologia, a história, a administração, a geografia, dentre outras, devido ao elevado grau de complexidade do fenômeno turístico e de suas múltiplas facetas.

Assim, esse estudo é de caráter multidisciplinar, elaborado a partir de uma perspectiva geo-histórica, possibilitando a integração das dimensões histórica, urbana e sócio-cultural. Para tanto, não se pode perder de vista os processos internacionais e nacionais que interagiram com o contexto local e levaram à configuração que a cidade de Salvador assumiu enquanto destino turístico no período estudado.

Para analisar a evolução do turismo no Brasil, em especial a partir do momento em que o país passou a ser inserido no circuito turístico - mesmo que de forma periférica, foram utilizados o texto "A Natureza Turística do Rio de Janeiro" (CASTRO, 2002), o livro "Raízes do Turismo no Brasil" (PIRES, 2000) e as dissertações defendidas pelos autores do artigo. Além disso, realizou-se pesquisa documental em almanaques do século XIX e início do XX, no "Indicador e Guia Prático da Cidade do Salvador (1929)", no livro "Vistas da Cidade do Salvador (1923)", assim como pesquisa iconográfica, com ênfase nas primeiras décadas dos noventa.

As viagens sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos, motivadas por diferentes anseios e necessidades. No entanto, o turismo moderno ou organizado surgiu na segunda metade do século XIX, quando o ato de viajar adquiriu um novo significado social e tornou-se uma atividade econômica em crescente expansão no mundo ocidental, baseado em diversas transformações sócio-culturais ocorridas na Europa.

A substituição da tração humana ou animal pela máquina a vapor proporcionou aos barcos e trens maior velocidade, conforto e capacidade para transportar passageiros e bens materiais, mudando a relação do homem com o tempo e o espaço. O avanço dessa e de outras técnicas, a migração de trabalhadores das áreas rurais para as cidades, a ascensão da burguesia, o valor que os seres humanos passaram a conceder ao tempo livre, que se converteu em tempo social, geraram significativas mudanças urbanas, ocasionando o surgimento de novas atividades comerciais e o fortalecimento de setores da economia que possuíam pouca representatividade. Tais transformações influenciaram decisivamente na consolidação do hábito de viajar e alteraram o perfil das viagens realizadas até aquele momento (PIRES, 2001).

A atividade turística se consolidou no século XX, experimentando expressivo desenvolvimento a partir de 1950 (pós-guerra). No Brasil, que não ficou alheio a essas mudanças, o turismo passou a ser organizado como um negócio nas primeiras décadas do século passado, tendo como principal destino a cidade do Rio de Janeiro, então capital Federal. Nesse período, segundo Celso Castro (2002), surgiram guias, hotéis de luxo, agências de viagens e órgãos oficiais voltados para atrair visitantes e desenvolver o setor. Um marco do turismo brasileiro foi o ano de 1923, quando ocorreu a inauguração do Hotel Copacabana Palace (RJ) e a criação da Sociedade Brasileira de Turismo (depois, Touring Club do Brasil).

Na Bahia, a década de 1930 destacou-se nesse processo histórico devido à construção do Palace Hotel, em 1934, considerado o primeiro alojamento hoteleiro de luxo do Estado, e da institucionalização da atividade turística em Salvador - com a implantação da Secção de Turismo, vinculada à Diretoria do Arquivo e

* Professor assistente do curso de Geografia do Departamento de Ciências Humanas - Campus V da Universidade do Estado da Bahia.
E-mail: requiao6@ig.com.br

** Bacharel em Turismo; mestre e doutoranda em História (Universidade Federal da Bahia). Bolsista da CAPES.
E-mail: oliviabiasin@oi.com.br

Divulgação (DAD), sob a égide do poder público municipal. De qualquer modo, na primeira metade do século XX a atividade turística realizada na Bahia era ainda incipiente, só obtendo maior relevância a partir de 1970, quando passou a ser tratada como um vetor estratégico pelo governo (QUEIRÓZ, 2002).

No entanto, o Palace não se constituiu, de fato, no primeiro hotel edificado na capital baiana a contar com uma boa estrutura para receber os visitantes mais exigentes. O Hotel Chile, inaugurado na primeira década do século XX, oferecia conforto aos clientes, dentre os quais se incluía Ruy Barbosa (QUEIRÓZ, 2002). Além disso, desde o final do século XIX, os viajantes já podiam optar entre dois hotéis bem conceituados, o Paris e o Sul-Americano, ambos localizados na atual Praça Castro Alves, em Salvador.

Mas, o que significava fazer turismo em Salvador no início do século XX? Atualmente, os guias de viagem, os folhetos turísticos e as propagandas veiculadas aos meios de comunicação - referentes ao "produto Bahia" - mostram elementos como praia, carnaval, grupos de música afro-baiana, capoeiristas, baianas de acarajé, festas religiosas, entre outros, como signos emblemáticos do Estado. Contudo, é preciso ressaltar que esses itens não eram destacados para os turistas que visitavam a cidade nas primeiras décadas do século passado. Muitos deles eram, inclusive, alvos de perseguição política, pois se pretendia "civilizar" os hábitos do povo.

No período, os guias, postais e livros de fotos de Salvador ressaltavam as construções arquitetônicas (edificações públicas, religiosas e militares), os monumentos e os cenários naturais. O livro "Vistas da Cidade do Salvador", de 1923, contém fotos de paisagens, como: Santo Antônio da Barra (com barcos, mas sem banhistas), Dique, largo da Barra, Mont Serrat e Península de Itapagipe; bem como de construções, vias públicas e

monumentos de valor histórico, que denotavam opulência ou modernidade. Entre eles, destacam-se: o porto da cidade, a Faculdade de Medicina, o prédio da Associação Comercial, o Palácio Rio Branco, o Quartel General, a Biblioteca Pública, o Paris Hotel, a Igreja e o Convento das Mercês, a Praça 13 de maio (Piedade), o Farol da Barra, o Elevador Lacerda, a Avenida Sete de Setembro, a Escola Politécnica, o bairro da Vitória, o Forte de São Pedro, o telégrafo e o monumento ao 2 de Julho, na praça de mesmo nome.

Como se vê, tentava-se imprimir à cidade um aspecto moderno e "civilizado". O fato de um hotel estar registrado no livro demonstra que o estabelecimento possuía importância na paisagem urbana da cidade.

Edilece Couto (2006) nos mostra que após a Proclamação da República os políticos, os médicos sanitaristas, as autoridades eclesiásticas e a imprensa baiana, acompanhando uma tendência nacional da época, almejavam civilizar e modernizar a cidade. Afinal, o novo regime espelhava-se nos ideais de modernidade e progresso de países considerados modelos de civilização, tais como os Estados Unidos - no que dizia respeito às aspirações republicanas e federativas - e a França, seguida da Inglaterra, como referência de vida social e intelectual, culminando, assim, em novas sociabilidades no cotidiano urbano.

A primeira cidade brasileira a passar por significativas transformações foi o Rio de Janeiro, servindo de modelo para as demais capitais do país. Durante a gestão do prefeito e engenheiro Pereira Passos, entre 1902-1906, a capital da República sofreu intensas mudanças físicas e culturais. O prefeito havia se inspirado nas reformas parisienses empreendidas pelo barão de Haussmann, mas também nas intervenções subseqüentes realizadas em outras cidades internacionais,

como Viena, Lisboa e Buenos Aires. O Rio transformou-se em uma metrópole nos trópicos, ganhando uma aparência mais "afrancesada". Pereira Passos também realizou obras de saneamento e combateu algumas tradições cariocas, como a venda ambulante de alimentos e a criação de porcos dentro dos limites urbanos. Portanto, os ideais de civilização alcançaram dimensões urbanísticas, sociais e culturais (NEEDELL, 1993).

Na Primeira República, destacou-se na Bahia o governo de José Joaquim Seabra¹, que fora influenciado por essas reformas, tendo Paris, Rio de Janeiro e São Paulo como modelos de civilidade. Nesse sentido, dentre os principais objetivos da sua gestão estava a reordenação do espaço urbano, destacando-se a construção de uma avenida que percorresse boa parte da cidade, estendendo-se da Sé ao Rio Vermelho, e que se tornasse cartão-postal. A dita obra, que gerou polêmica na época, foi inaugurada na data comemorativa da Independência do Brasil, chamando-se, desse modo, Avenida Sete de Setembro.

Para as autoridades civis, o clero e a elite intelectual havia chegado o momento de regulamentar o uso do espaço e eliminar os costumes "bárbaros" e "incultos". Era preciso abraçar a civilização, ou seja, deixar para trás características de um passado colonial, visto como atrasado, e banir os aspectos afro-brasileiros da realidade sotero-politana que parte da elite urbana associava àquele período. O poder público editava novas Posturas Municipais, com o intuito de controlar ou proibir o Carnaval, jogos, mascaradas, batuques e festejos populares nas praças, avenidas e largos remodelados. Expulsar os vendedores desses espaços públicos e realizar interdições nas festas religiosas populares se tornaram práticas comuns no processo de "desafricanização" das ruas de Salvador. Nessa perspectiva, a venda de comidas afro-baianas, vinculada ao Candomblé, foi

condenada, assim como a indumentária das baianas, de influência africana (COUTO, 2006).

No ano de 1929, foi publicado o Indicador e Guia Prático da Cidade do Salvador, o qual acreditamos ter inaugurado, na Bahia, um modelo de guia direcionado aos turistas que visitavam a capital. No prefácio da obra é informada a relevância do material, bem como o público que se pretendia atingir:

o touriste ou passageiro que aporta a esta Cidade, nem sempre tem a facilidade de encontrar, de prompto, informações ou dados precisos sobre a Capital. Por isso, julgamos de utilidade prática para os que viajam, e mesmo para os que aqui residem, a organização de um Indicador e Guia Prático. Todas as Capitales tem o seus guias práticos, de absoluta necessidade para os que chegam, não só do interior dos respectivos Estados como de fora, a massa dos que, em trânsito, desembarcam ávidos de emoções novas e de conhecimentos, sobre a terra visitada. Este indicador virá resolver a falha imperdoável para um meio culto e progressista como é o da Bahia [...].

O Indicador e Guia Prático foi ilustrado com cerca de 200 fotografuras de ruas, praças, edifícios e monumentos. Também se sobressaíam como atrativos o bairro da Vitória, que desde meados de século XIX era citado com entusiasmo pelos estrangeiros que visitavam a cidade e observavam suas belas casas e jardins, e a Avenida Sete de Setembro, representando a modernidade.

No período, o circuito turístico era focado na região central. As praias, por exemplo, ainda não se configuravam como uma atração. Diferentemente dos dias atuais, no século XIX e primeiras décadas do XX, a praia não era muito utilizada enquanto espaço de lazer. Os banhos de mar eram reduzidos, geralmente de ordem terapêutica,

1. José Joaquim Seabra havia acompanhado, alguns anos antes, as reformas realizadas no Rio de Janeiro por Pereira Passos. Governou a Bahia em dois mandatos: de 1912 a 1916 e de 1920 a 1924.

e as mulheres ainda não haviam adquirido o hábito de se bronzear. Costumava-se ir à praia individualmente ou em pequenos grupos, pois não era de bom-tom chamar a atenção de desconhecidos (AZEVEDO, 1988).

Os guias de viagem dessa época direcionavam o olhar do turista a partir da Baía de Todos os Santos e do porto, por onde entravam os navios que traziam a maioria dos visitantes. A contemplação da Baía de Todos os Santos era um espetáculo para o viajante de outrora, assim como o é para o turista contemporâneo.

Fora do centro da cidade, juntamente com o Passeio Público, adornado por mangueiras e palmeiras imperiais, o Dique - lagoa cercada por uma diversificada vegetação tropical - foi um dos pontos mais visitados.

Os arrabaldes de interesse turístico incluíam Bonfim, Barra, Amaralina, Brotas, Rio Vermelho e Itapuã. A população de Salvador também acorria para os arredores da cidade no verão. O cronista Manuel Querino (1955, p.196), ainda na segunda metade do século XIX, registrou que os baianos passavam as festas de final de ano nos arredores ou à beira mar, quando "trocava-se o bulício da cidade pela solidão campeзина".

Sobre esses pontos mais distantes, o Indicador e Guia Prático (1929, p.171) ressalta que: "Tomar uma água de coco verde à sombra de um destes recantos longínquos da cidade é uma das sensações que muito agrada aos que viajam".

A ilha de Itaparica também foi uma localidade bastante visitada. Não é à toa que o guia apresenta uma breve descrição das ilhas da Bahia, destacando o seu potencial turístico.

Organização espacial e implantação dos primeiros hotéis

Ao longo da história da cidade do Salvador foi implantado um regime de serviços de hospitalidade que acompanhou as transformações ocorridas na mesma, ao tempo que tentava responder às demandas externas, nacionais e internacionais, do fluxo de pessoas que por ela transitava. Esse processo viabilizou o surgimento de diversos meios de hospedagem, para atender uma necessidade cada vez mais crescente de atores diretamente ligados ao mundo do comércio e das viagens.

O setor hoteleiro passou por grandes transformações, acompanhando a evolução espacial intra-urbana, inter-urbana e inter-regional, atreladas à evolução dos meios de transporte, comunicação e infra-estruturas de acesso (SILVA, 2007).

A distribuição dos meios de hospedagem no tecido urbano da cidade do Salvador está diretamente relacionada ao desenvolvimento da mesma, principalmente no que se refere a eventos socioeconômicos, políticos e culturais que, em determinados períodos históricos, direta e indiretamente influenciaram na produção e organização do seu espaço urbano, como já foi sinalizado anteriormente, quando citadas as reformas urbanísticas do início do século XX.

Adiante, citaremos alguns exemplos emblemáticos de estabelecimentos que marcaram presença na paisagem da cidade e tornaram-se referências, símbolos de urbanidade e glamour de uma Salvador ainda provinciana, porém cosmopolita e internacionalmente conhecida, guardadas as devidas proporções da época.

Buscando uma visão de conjunto da cidade, através da descrição de mapas

antigos, Vasconcelos (2002, p.236) indica a presença do Hotel Mullem, na "cidade baixa": "No Largo das Princesas, atual rua da Bélgica, estavam localizados a capela do Corpo Santo e o Hotel Mullem." O referido estabelecimento aparece listado em almanaques que circularam na Bahia durante os anos 1870, 1880 e 1890 e início do XX.

A importância de alguns hotéis, no contexto da área da antiga rua de Baixo de São Bento, é descrita da seguinte forma:

Rua de classe média que aproveitava a proximidade das ladeiras da Conceição e da Montanha para que seus moradores, chefes de família, pudessem ir para o comércio, a pé, com seus paletós de alpaca, típicos dos guarda livros e 'primeiros caixeiros'. Rua preferida por ser residencial e, ao mesmo tempo, próxima de todo o centro. Fazendo esquina, o Hotel Sul Americano, ponto de concentração de 'coronéis' da República Velha, Hotel que substituiu, em importância, o 'Figueiredo', onde os governos de modestos palácios e já não contando com a ostentação das fortunas particulares como fizeram nas visitas de Jerônimo Bonaparte, von Martius e tantos outros, podiam receber, para jantar, os visitantes ilustres que a pouca autonomia das viagens por mar fazia passar por aqui com freqüência (Teixeira et al, 1978, p. XI - 13).

Toda essa ambiência pode ser percebida na Figura 1, onde se vê uma foto

Figura 1. Vista da Ladeira de São Bento, de onde se observam os hotéis Paris, Luzo-Brazileiro e Sul-Americano, no início do século XX.



Fonte: Arquivo Público Municipal - Fundação Gregório de Mattos. Salvador - BA. Postal. Photo Lindemann. Edição Reis & Cia.

dos hotéis Paris, Luzo-Brazileiro e Sul-Americano, este último ao fundo, onde atualmente encontra-se o Edifício Sulacap, na praça Castro Alves.

No início do século passado, na "cidade alta", a vida era também pulsante. Sílio Boccanera Júnior (1921, p.156) tece comentário bastante ilustrativo sobre o Hotel Meridional, situado no alto da Praça Castro Alves, início da Rua Chile, inaugurado em 23 de janeiro de 1915, dizendo o seguinte:

Um magnífico edifício, estilo moderno, propriedade do desembargador Bráulio Xavier da Silva Pereira. Este hotel, dos principais da capital, preparado para recepções e banquetes, oferecia um dos mais belos e admiráveis panoramas da cidade, devido a sua esplêndida situação e grande altura.

Milton Santos (1959) contextualizou o desenvolvimento do centro de Salvador nas primeiras décadas do século XX. Referiu-se à ampliação do porto, entre 1913 e 1928, à revolução dos meios de transporte após a chegada do automóvel, em 1901, e à instalação do bonde elétrico, em 1914, revelando as modificações do quadro urbano e o crescimento da cidade. Nesse sentido, comentou que:

Para corresponder às novas necessidades de circulação, várias ruas tiveram que ser alargadas. Pôde-se, então, construir novos edifícios, nas áreas em que se situavam os que então foram demolidos. Aparecem timidamente, os primeiros arranha-céus, sobre os aterros do porto, na cidade baixa, construídos por bancos e grandes empresas comerciais e, na cidade alta, ao longo das mais importantes vias de circulação, com o objetivo de abrigar serviços públicos, hotéis, jornais, etc. (Santos, 1959, p.45)

No texto de Santos foi constatado que, dentre outros serviços, a presença dos hotéis na paisagem da cidade, associada à dinâmica urbana da mesma no processo de sua evolução econômica, materializou-se na construção de empreendimentos que sustentaram sua operacionalidade. Ou seja, os hotéis tornaram-se cada vez mais necessários enquanto equipamentos de suporte para os novos fluxos de viajantes de toda ordem.

Pelo exposto até o momento, pode-se perceber que desde as últimas décadas do século XIX até final dos anos 1950, a produção e organização espacial da hotelaria na cidade do Salvador se encontrava basicamente entre a "cidade baixa" (Comércio), o Largo da Vitória e a praça Castro Alves, destacando-se esta última pela proximidade do porto, concentração do comércio e dos serviços e também pelo atrativo de sua bela paisagem, debruçada sobre a Baía de Todos os Santos. Verifica-se, portanto, que a localização dos equipamentos de hospedagem seguia uma lógica intimamente relacionada à centralidade da vida econômica e política da cidade.

Por meio da nomenclatura dos estabelecimentos hoteleiros percebe-se, de alguma forma, a internacionalização da vida cotidiana de Salvador ao longo do período pesquisado. Nomes como Hotel de Paris, Hotel Luzo-Brazileiro, Hotel Oriente, Hotel Sul-Americano e Hotel Chile sugerem uma cidade importante do ponto de vista de suas relações internacionais.

Também não se pode esquecer que alguns desses hotéis tornaram-se ícones na paisagem urbana e na vida cotidiana da cidade, como foi o caso do Sul-Americano e, posteriormente, do Meridional, do Chile e do Palace, dentre outros.

Os referidos hotéis não exerciam apenas a função da hospitalidade propriamente dita,

pois se tornaram espaços de convívio, proporcionando a formação de vínculos sociais e políticos (CYPRIANO, 1996). Colaboraram, também, para a melhoria das condições de hospedagem à medida que iam se aprimorando na prestação dos serviços, agregando eventos festivos e políticos, em um processo evolutivo que viria culminar nos grandes estabelecimentos voltados para o turismo de lazer, negócios e convenções.

O surgimento de novas sociabilidades e os meios de hospedagem

Desde a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, a vida social das principais cidades, sobretudo a do Rio de Janeiro, se tornou mais intensa: saraus, jantares, e recepções dançantes passaram a fazer parte do cotidiano das famílias ricas.

A abertura dos portos às nações amigas e a conseqüente presença de muitos estrangeiros na cidade do Salvador propiciou mudanças no vestuário, nas danças, nas práticas recreativas e na alimentação, contribuindo para o surgimento e ampliação de serviços e equipamentos ligados ao universo das viagens.

Até meados do século XIX, as poucas instalações hoteleiras existentes em Salvador não eram consideradas de boa qualidade e, muitas vezes, não tinham um funcionamento regular. Nas primeiras décadas, os viajantes costumavam recorrer ao aluguel de casas. Contudo, o afluxo de visitantes que aportavam na cidade acarretou na multiplicação das necessidades de equipamentos e serviços, o que pode ser observado através do aumento de anúncios em jornais e almanaques, principalmente a partir do final do século XIX, ofertando serviços de hospedagem, alimentação e lazer (DIAS, 2007).

O anunciante do já citado Hotel Müllem, no Almanak Literário e de Indicações para o ano de 1889, indicou em língua francesa que o estabelecimento tinha "vista da baía", servia almoço e jantar à la carte e que no local falavam-se quatro idiomas.

Figura 2. Anúncio do Hotel Müllem, no ano de 1889



Ressaltar que no meio de hospedagem se falavam outras línguas era um recurso comercial bastante utilizado pelos principais hoteleiros, visando destacar seus produtos e serviços aos clientes vindos do exterior, que procediam, sobretudo, de países europeus, mas também de portos africanos, asiáticos, antilhanos, da região platina e da América do Norte.

Por intermédio dos anúncios publicados nos guias e almanaques que circularam na praça de Salvador, se pode observar que os estabelecimentos hoteleiros passaram a ofertar outros serviços além da hospedagem e a agregar novos valores ligados à comodidade e ao bem-estar.

No Grande Hotel de Paris, onde no fim do século XIX os "coronéis" da região da Chapada e do Cacau costumavam se hospedar quando vinham à capital, o cliente poderia pernoitar, tomar banhos quentes e frios², fazer as refeições e divertir-se com jogos de bilhar.

Caso não quisesse usufruir todos esses serviços, poderia escolher o que mais lhe conviesse, como se observa no anúncio da figura 3, publicado no Almanach do Diário de Notícias para 1885.

Para os estratos mais elevados da sociedade local freqüentar os restaurantes e cafés dos hotéis, aos poucos, se tornou um hábito. Os proprietários, visando incentivar ainda mais esse novo costume, noticiavam nos periódicos seus serviços gastronômicos. Além disso, hoteleiros e demais comerciantes que atuavam no ramo da alimentação encontraram um filão na organização de festas e banquetes, trabalhando com encomendas de jantares e até mesmo alugando as dependências de seus estabelecimentos para a realização de eventos.

No que tange às opções de entretenimento, alguns hotéis, além do pernoite e dos serviços de alimentação, também ofereciam jogos e organizavam bailes de máscara. Desse modo, a sofisticação das práticas alimentares se desenvolveu juntamente com a criação de novos espaços de sociabilidade, alterando hábitos de consumo e de lazer da sociedade baiana (DIAS, 2007).

No Almanak Henault Annuario Brasileiro Commercial Ilustrado de 1912-1913, seção do

Figura 3. Anúncio do Grande Hotel de Paris, no ano de 1885.



Estado da Bahia, aparece uma propaganda do Hotel Sul-Americano, acompanhada de informações sobre um restaurante que funcionava nas suas dependências. Segundo Cid Teixeira (2001), neste hotel - fundado em 1895 - aconteciam reuniões políticas e banquetes para homenagear personalidades influentes.

2. No século XIX, o banho estava em processo de consolidação como prática de higiene diária. Acreditava-se que a água morna energizava o organismo; a água quente, além de energizadora, servia para o relaxamento muscular; e a água fria era usada nas hidroterapias (VIGARELLO, 1996).

No Indicador e Guia Prático, de 1929, há outro anúncio do Hotel Sul-Americano informando que o mesmo havia sido completamente remodelado e ocupava "3 magníficos prédios com mais de 100 quartos". Anunciava, também, o funcionamento de um restaurante, descrito como "o mais bello e luxuoso do Norte do Brasil", ofertando "os pratos mais delicados da verdadeira cozinha baiana e internacional."

Os dizeres das propagandas do Hotel Sul-Americano revelam que se tratava de um estabelecimento de destaque, que possuía certo luxo e comodidade para os padrões da época. As fontes indicam que oferecia uma boa infra-estrutura de serviços, nos levando a constatar que o cotidiano de Salvador expressava um intenso movimento de viajantes, certamente grandes comerciantes, pessoas ligadas à política e os primeiros turistas que por aqui passavam em raras viagens de lazer.

O proprietário de outro estabelecimento - o Hotel Oriente - também se preocupava em oferecer um bom serviço aos viajantes e investir na gastronomia, visando também à clientela local, como se observa no anúncio encontrado no "Almanak Literario e de Indicações para o anno de 1889":

Os hotéis desempenhavam um variado papel na vida urbana. Nos salões desses espaços semiprivados era possível, por exemplo, organizar banquetes, marcar encontros amorosos e discutir atividades políticas, enquanto se saboreava uma bebida ou uma refeição. Como esses estabelecimentos apareciam como locais privilegiados para encontros furtivos, muitos hoteleiros informavam, sutilmente, que se tratavam de ambientes familiares, conforme

Figura 4. Anúncio do Hotel Sul Americano, no ano de 1912-1913.



se observa na publicidade do Grande Hotel de Paris, que comunicava a existência de "quartos mobiliados para a família" e do Hotel Oriente, que informava possuir "comodos especiaes para familias".

O contato com produtos e pessoas de outros países alterou o comportamento e os hábitos de consumo da sociedade brasileira, sendo que as mudanças mais significativas apareceram a partir dos anos 1850. A Corte, localizada no Rio de Janeiro, com seus rituais e normas de etiqueta, quesitos que se tornaram fundamentais principalmente no II Reinado, legitimava o que era considerado modelo de elegância e civilidade para as "boas sociedades" das principais cidades brasileiras (SCHARCZWZ, 2004).

Nesse contexto, a elegância no ato de comer e as "boas maneiras" começaram a ser gradualmente introduzidas no Brasil dos anos de 1800 e as camadas mais altas da sociedade desenvolveram mecanismos de maior autocontrole nas reuniões sociais. Essas novas convenções e códigos de etiqueta também possuíam a função de barreira social e denotavam um modo de articular a identidade. A maneira de falar, andar, vestir-se, dançar e comer classificava e distinguia os indivíduos.

Assim, a partir da segunda metade do século XIX, surgiram os costumes dos passeios

Figura 5. Anúncio do Hotel Oriente, no ano de 1899



à tarde, de se tomar um chá na pastelaria e, eventualmente, fazer as refeições no hotel ou restaurante, locais onde moças e rapazes podiam ver e ser vistos e desfilarem uma indumentária que seguia à moda de Paris³. Essa prática ganhou novos adeptos no início do século XX, quando o número de estabelecimentos do gênero aumentou e as elites urbanas, sedentas de novidades, seguiam os hábitos das sociedades européias da belle époque.

O Brasil não ficou alheio a essas modificações nos hábitos cotidianos e normas de etiquetas, não só por ter recebido diversos viajantes, como também pelo fato de muitos brasileiros terem visitado ou morado na Europa. Ao conhecerem os hotéis, confeitarias, cafés e restaurantes de outros países é plausível que, ao regressarem ao Brasil, esses sujeitos tenham tido desejado frequentar o mesmo tipo de ambiente criando, juntamente com os visitantes, a necessidade de novos espaços urbanos.

Para se ter uma idéia do crescimento dessas novas sociabilidades na cidade de Salvador, vale observar que no ano de 1845, foram documentados no Almanach Civil, Político e Comercial da Bahia: 8 casas de pasto⁴ e hospedarias e dois confeitores, não havendo os itens pastelarias e cafés. Já na virada do século, em 1899, foram arrolados no Almanak Administrativo, Indicador, Noticioso, Comercial e Literário para o Estado da Bahia: 32 restaurantes, 12 pastelarias, 7 cafés, 8 pensões e 9 hotéis. Nesse ano, percebe-se que os estabelecimentos de hospedagem já se encontravam em diversos pontos da cidade, desde a Vitória até a Calçada, como se pode verificar pela lista de hotéis do referido periódico, na página 542, que segue abaixo:

- * Belleveu, Largo da Victória.
- * Caboclo, Rua Barão Homem de Mello.
- * Condor, Rua da Calçada.

- * Das Nações, Rua de Santa Bárbara.
- * Ferreira, Rua do Palácio, n 05.
- * Müllen, Rua das Princesas, n 1.
- * Oriente, Rua do Comércio.
- * Paris, Largo Castro Alves.
- * Sul - Americano, idem, idem.

Em tal contexto, os meios de hospedagem se sobressairam no diversificado segmento de viagens, delineando a formação de um mercado consumidor e prestador de serviços na área do turismo.

Considerações Finais

Visando à modernização da cidade na Primeira República, sobretudo durante o governo de José Joaquim Seabra, a capital baiana passou por diversas intervenções urbanas e culturais, a fim de eliminar características arquitetônicas e práticas culturais associadas aos tempos coloniais e do Império.

Posteriormente, muitos desses aspectos, que continuaram presentes no cotidiano da cidade, transformaram-se em atrativos turísticos, peculiaridades locais que atraíam (e ainda atraem) um número significativo de turistas à capital da Bahia. Como exemplo, citamos as festas religiosas populares, as iguarias afro-baianas e justamente a arquitetura colonial do centro histórico.

Assim, a aparente vocação turística de Salvador deve ser compreendida como uma construção histórico-cultural, com viés político e econômico. A depender da época e dos interesses das classes dirigentes, diferentes elementos são selecionados e destacados enquanto atrativos, com o objetivo de tornar a cidade interessante como destino de viagem e representante de uma determinada imagem que se pretende divulgar e fixar⁵.

A atividade turística em Salvador, iniciada em fins do século XIX, mudou desde

3. Cabe ressaltar que esse público era ainda bastante reduzido, principalmente entre as mulheres, que possuíam hábitos mais domésticos e não costumavam sair desacompanhadas de suas residências.

4. Segundo o Grande Dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa, de 1873, (p. 389), denomina-se casa de pasto uma "casa onde se vai comer por preços determinados".

5. O artigo não contempla um estudo aprofundado sobre as narrativas construídas acerca de Salvador enquanto destinação turística. Pretendeu-se apenas apresentar uma ideia de quais imagens eram exploradas para a sua divulgação, a fim de melhor contextualizar a atividade turística realizada na cidade, no período em questão.

então, acompanhando as transformações urbanísticas e culturais da cidade e seus habitantes, ao mesmo tempo em que também imprimiu mudanças sócio-espaciais na capital baiana. No período, houve um crescimento - ainda que tímido - de novos equipamentos de hospedagem e lazer.

O setor hoteleiro, ramo intimamente relacionado ao comércio e à prestação de serviços, revelou-se como "locus" da vida de relações da sociedade baiana, agregando funções ligadas à cultura. Os meios de hospedagem funcionaram não apenas como simples locais de alojamento, mas também como espaços onde eram realizados eventos de diversas categorias, tais como bailes carnavalescos, reuniões de negócios e de representantes políticos da época. Enfim, tudo aquilo que se refere à dinâmica de uma cidade com forte característica de internacionalidade e integrada no processo de expansão da economia.

Esse estudo buscou, portanto, fazer uma leitura de Salvador por um viés atrelado à sua condição geográfica que, sujeita à trajetória mundial de ampliação do comércio e da divisão territorial e social do trabalho, lhe impôs uma dinâmica diferenciada no que se refere à necessária condição de entreposto comercial e de serviços. Sendo assim, por força das circunstâncias, tornou-se necessariamente cosmopolita, tendo nos meios de hospedagem o suporte para essa condição.

A presença constante de equipamentos de hospitalidade, já nas primeiras décadas de 1900, revela seu grande raio de influência em dimensões regional, nacional e internacional. No período, vislumbraram-se as primeiras manifestações do turismo na capital baiana, relacionadas à dinâmica comercial e portuária da cidade, incluindo-se aí a prestação de serviços em diversos segmentos.

Assim, a sociedade local, sob a influência da cultura européia, ampliou seus espaços

de sociabilidade. As camadas médias e superiores, ansiosas para se adequarem às mudanças urbanas e assimilarem as novidades de uma cidade em processo de "modernização", incorporaram novos hábitos e comportamentos, acompanhando o surgimento e a consolidação dos meios de hospedagem na paisagem urbana e na vida cultural de Salvador.

Referências bibliográficas

- ALMANACH DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS PARA 1885. Quinto ano, Bahia, [s.n.], 1885.
- ALMANAK HENault ANNUARIO BRAZILEIRO COMMERCIAL ILUSTRADO 1912-1913. 6º ano, Rio de Janeiro, 1912.
- ALMANAK LITERARIO E DE INDICAÇÕES PARA O ANNO DE 1889. 3º ano, Bahia: Typographia do Bazar 65, 1888.
- AZEVEDO, Thales de. **A Praia: espaço de sociabilidade**. nº 134, Salvador: CEB/UFBA, 1988.
- BOCCANERA JUNIOR, Sílio. **Bahia Histórica. Reminiscências do passado. Registro do presente**. Salvador: Typ. Bahiana, 1921.
- CASTRO, Celso. **A Natureza Turística do Rio de Janeiro**. In: Banducci Jr, Alves; Barreto, Margarita (orgs.). Turismo e Identidade Local: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2002.
- COUTO, Edilece Souza. **Festejar os Santos em Salvador: tentativas de reforma e civilização dos costumes (1850-1930)**. In: Bellini, Ligia et al (orgs.). Formas de Crer: ensaios de história religiosa do mundo luso-africano-brasileiro, séculos XIV-XXI. Salvador: EDUFBA/ Corrupio, 2006, p.273-297.
- CYPRIANO, Carlos Alex de C. **Inovação da Tradição e Sustentabilidade de Estratégias Culturais: a hotelaria no circuito do Carnaval da Bahia**. In: Turismo em Análise. São Paulo, 1996, p. 63-76.
- DIAS, Olívia Biasin. **Falla-se Todas as Línguas: hospedagem, serviços e atrativos para os viajantes estrangeiros na Bahia**

- oitocentista. Dissertação de Mestrado em História. Salvador: UFBA, 2007.
- GRANDE DICCIONÁRIO PORTUGUEZ OU THESOURO DA LÍNGUA PORTUGUESA PELO DR. FR. DOMINGOS VIEIRA DOS EREMITAS CALÇADOS DE SANTO AGOSTINHO. Porto: Editores Ernesto Chardran e Bartholomeu H. de Moraes, Segundo vol., 1873.
- INDICADOR E GUIA PRÁTICO DA CIDADE DO SALVADOR, Bahia, s/n, 1929.
- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- PIRES, Mário J. **Raízes do Turismo no Brasil. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX.** Barueri: Manole, 2001.
- QUEIROZ, Lúcia A. **Turismo da Bahia: estratégias para o desenvolvimento.** Salvador: EGBA, 2002.
- QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora.** Salvador: Livraria Progresso, 1955.
- REIS, Antonio Alexandre Borges dos. **Almanak Administrativo, indicador, noticioso, comercial e litterario do estado da Bahia para 1899.** Segundo anno, Bahia: Editores Wilcke, Picard & C., 1899.
- SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade de Salvador.** Salvador: Editora Progresso, 1959.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Cia. das Letras, 2ª ed., 2004.
- SILVA, Luis Cláudio Requião da. **Os meios de hospedagem em Salvador: distribuição espacial ao longo de sua história.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Salvador: UFBA, 2007.
- TEIXEIRA, Cid. **História Visual (da Praça Municipal à Piedade).** Livro 4. Salvador: Correio da Bahia, 2001.
- TEIXEIRA, Cid. et al. In: **A Grande Salvador: posse e uso da terra.** Projetos Urbanísticos Integrados. Salvador: CEDURB. 1978.
- SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. Almanach civil, político e comercial da Bahia para o ano de 1845. [s.n.], Salvador, Edição fac-similar, 1998.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador: transformações e permanências (1549-1999).** Ilhéus: Editus, 2002.
- VIGARELLO, Georges. **O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VISTAS DA CIDADE DO SALVADOR. **Capital da Bahia. Centenário do "2 de julho de 1823".** Rio de Janeiro: Grande Estabelecimento Gráfico Pimenta de Mello e C. Rua Sa-chet, 1923.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	21-abr-2009
Envio ao parecerista:	24-mar-2010
Recebimento do parecer:	27-abr-2010
Envio para revisão do autor:	27-abr-2010
Recebimento do artigo revisado:	20-mai-2010
Aceite:	6-jul-2010